

## AS DIFERENTES IMAGENS DA GEOGRAFIA

*A memória da Geografia*

Embora a Geografia seja muito menos popular que o futebol, quase poderíamos garantir que a grande maioria do chamado «português que se preza» ou se considera, realmente, um autêntico «craque» sobre o assunto ou consegue, pelo menos, na pior das hipóteses, dar uns toques «na matéria». Feliz ou infelizmente, «Geografia é geografia» quase para toda a gente, e a providencial excepção de meia dúzia de tímidos ou distraídos para quem «tudo isso é chinês» apenas parece avalizar a demagógica argumentação que até agora utilizámos.

Bem vistas as coisas, porque é que tudo isto haveria de ser diferente? De facto, se é permitido dar constantes pontapés na Gramática tratando «tu cá, tu lá» os meandros duma ciência de variadas complicações e declinações em latim, dificilmente faria sentido não poder «mandar umas bocas» descongestionantes, e bastante promocionais, diga-se de passagem, sobre um «ramo do conhecimento» que, em termos de consumo corrente, se resume, com frequência, ao saber a prestações de uma boa enciclopédia, ao conforto familiar de uma boa projecção de *slides* digestivos, ou à simples recordação de pitorescos roteiros de «peregrinação» ou de excursões de fins-de-semana, onde, através de fotografias, postais ou rótulos de hotel se consegue arranjar pretexto, necessário e suficiente, para falar em velhos monumentos ou antigos colegas de bairro, alternadamente «patuscos» ou «dignos de se ver».

Bem feitas as contas, e aceitando como adquirido tudo o que acabámos de afirmar, podemos confessar, desde já, com toda a clareza, que estamos realmente dispostos a assumir o grau de ingenuidade necessária a quem, como nós, se propõe sugerir como tema de reflexão aquilo que, para a grande maioria dos cidadãos, não passará, pelos vistos, da maior e mais banal das evidências!

Quer queiramos quer não, «a Geografia é geografia» para quase toda a gente, sendo raros aqueles que, na prática, conseguem aperceber-se de que uma tal definição sofre do simples defeito de conter no seu selo nada mais nada menos que o próprio definido!

— «O Senhor o que é que pensa, olhe que, no meu tempo, eu não falhava nem sequer uma capital! Não é para me gabar, mas palavra de honra que as sabia todas de ponta a ponta!»

— «Naquele tempo, saber os rios de Portugal isso era canja! Havia professores que até os quilómetros nos obrigavam a decorar!...»

— «Esta malta nova até mete raiva. Veja lá que naqueles concursos da televisão chegam ao descaramento de nem sequer saberem onde é que fica a Patagónia!»

— «Na quarta classe, meu amigo, até sabíamos as estações de caminhos-de-ferro! E tudo aquilo tim-tim por tim-tim, está a ouvir?»

E num rol infundável de recordações, os certificados da «evidência» parecem saltar ao ritmo alucinante da cantilena estilo «Soajo, Gerês,

Larouco, Barroso, Padrela, ...» tantas vezes repetida, nessa altura, no sussurro de uma escola de provincia.

— «Digam lá o que disserem, Geografia, Geografia era a que se ensinava antigamente. A gente sabia os climas, a gente sabia as produções, a gente sabia coisas que só visto!»

E, de facto, tal como repetem convictos muitos pais, acreditam calculistas muitos filhos e, pelos vistos, ainda deixam fazer crer alguns poucos professores, «a Geografia não é nada para perceber, o que é preciso é ter memória».

Claro que tudo isto poderia ser pacifico. Só que, como em quase todas as coisas na vida, também aqui, e mesmo no meio desta attitude aparentemente tão ingénua, existe um «mas» ou muitos «mas», como de costume. Na verdade, embora as pessoas possam estar muito bem preparadas para sabatinas difíceis, saibam coisas deste mundo e do outro e até façam a admiração dos amigos ou a inveja dos vizinhos, será que essas mesmas pessoas, com essa tal geografia que aprenderam, conseguem fazer perceber à sua «platela» a simples lógica de um sem número de questões que com tais conhecimentos se relacionam?

### *A lógica da Geografia*

Embora sem pretender criar embaraços de maior, será que, de facto, essa tal Geografia de que vimos falando consegue explicar, por exemplo:

— Porque é que as mais famosas «tablettes» de chocolate se vendem normalmente enroladas em verdejantes paisagens suíças embora cheirando naturalmente a cacau africano e do melhor?

— Porque é que as estações e apeadeiros de caminho-de-ferro, embora rigorosamente alinhados em cantilena tão rápida e folgada, obedecem, por vezes, à ronqueira complicação de um traçado com linhas de tirar o fôlego?

Aliás, mesmo considerando legitima a costumeira dose de gozo que as pessoas poderão sentir ao partilhar desta preciosa colecção de conhecimentos com familiares, amigos e acompanhantes, e aceitando, por mero dever de officio, o risco, sempre possível, de fazer um papel de «amigos da onça», não resistimos à tentação de perguntar, já agora, porque é que as «ladainhas» aprendidas na escola primária ou no liceu nunca cuidaram de trazer noticia de realidades espaciais inferiores à dignidade administrativa de não sei quantas provincias portuguesas «d'aquém e d'além mar» a menos que, em tais áreas, se pudessem apontar curiosidades do género dos lagostins do rio Angueira, dos fenómenos do Entroncamento ou de coisas semelhantes.

Será que, de facto, não interessa o conhecimento de espaços mais restritos, nomeadamente o espaço urbano onde circula, duma forma permanente ou temporária, a maioria da população? Embora tal attitude pudesse pôr em causa a sacrossanta neutralidade do espaço, afectando naturalmente, «por tabela», a não menos sacrossanta neutralidade do próprio «conhecimento geográfico», pensamos que não deixaria de ser

interessante e talvez até, quem sabe, possivelmente surpreendente, perceber, por exemplo, entre outras coisas, o seguinte:

— Porque é que as sedes dos principais bancos portugueses se localizavam quase todas na «baixa» lisboeta e hoje se deslocam, por virtude de uma lógica qualquer, para novos «ambientes» da capital;

— Porque é que a maior parte dos bairros clandestinos é forçada a escolher os terrenos que se situam nas fronteiras inter-concelhias, obedecendo, porventura, à conivência característica de um qualquer mercado de contrabando;

— Porque é que, em terrenos com tão grande aptidão agrícola como por exemplo a várzea de Loures, em vez de grelarem couves ou nabijas, apenas parecem ganhar raízes torres e torres de bairros habitacionais.

Resumindo, porque será que apartamentos com superfícies idênticas custam 30 000 contos nos arranha-céus das Amoreiras e «apenas» dois mil e tal na Reboleira?

Acreditamos que ninguém acredite que uma tal diferença se poderá justificar pelos diferenciais de custo dos mármore ou pela sofisticação electrónica dos intercomunicadores. Já agora, e como é natural que toda esta conversa pareça deslocada num artigo em que nos propusemos falar de geografia, vamos propor também, pelo menos para aqueles que ainda possam ter dúvidas sobre o assunto, dois ou três exercícios de «mui fácil feitura». Assim, e se para tal estiverem dispostos, procurem então:

4 — Desenhar um mapa de Portugal onde as distâncias a Lisboa, em vez de corresponderem ao número de quilómetros, correspondam ao número médio de horas gastas no percurso (fig. 1, A);

2 — Desenhar um mapa semelhante ao anterior mas convertendo agora as distâncias quilométricas nos respectivos «preços» das viagens (fig. 1, B);

3 — Pintar um mapa de Portugal onde as grandes manchas de relevo se distribuam de acordo com as áreas de maiores rendimentos. Neste último exercício corremos possivelmente o risco de criar a sugestão turística de uma prática de esqui em Lisboa, convertendo, por seu turno, transmontanos em campinos. E já agora que o Marão é outro, talvez nos fique bem acreditar que, realmente, «por detrás do Marão mandam os que cá estão (fig. 1, C e 1, D).

E posto isto, julgamos que não será preciso muito esforço para poder concluir que os «Portugais» daqui resultantes dificilmente se poderão considerar «parecidos ou parentes» com aqueles mapas velhinhos que a maioria das pessoas se habituou a ver dependurados na parede da sua escola.

Rematando com a velha simplicidade das evidências, podemos garantir, no entanto, que, tal como os escudos que se gastam numa viagem são tão reais como os quilómetros que se percorrem, também os mapas que propusemos, apesar de nem sequer fazerem parte do «stock» habitual das tabacarias, existem, de facto, no quotidiano das pessoas.

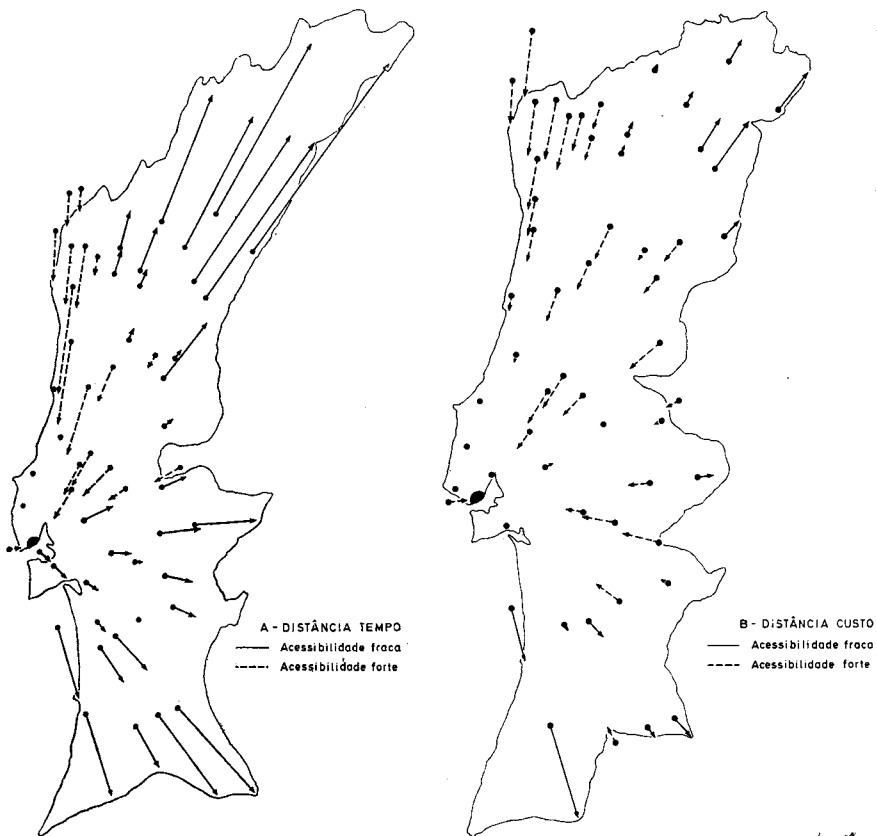
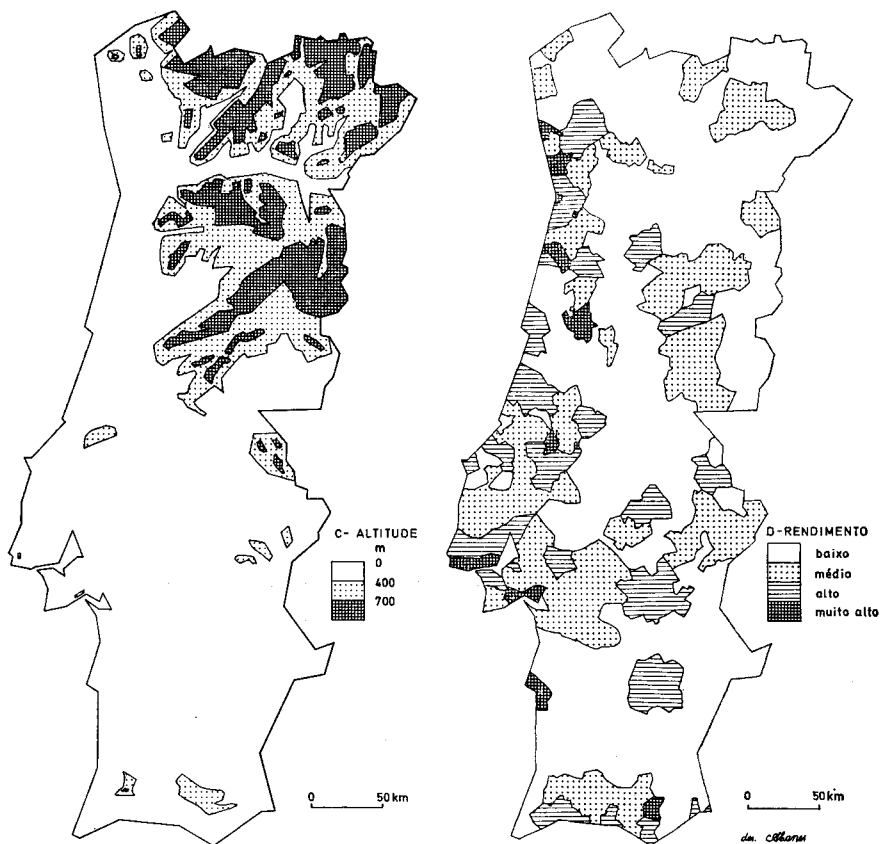


Fig. 1 (A a D) — Diferentes imagens de Portugal continental. A — Distância tempo: tempos mínimos de deslocação com transportes ferroviários de passageiros a partir de Lisboa; B — Distância custo: custos mínimos de deslocação em transportes ferroviários de passageiros a partir de Lisboa.

des. citadas



C — Altitude; D — Rendimento: capitação do valor da matéria colectável do imposto complementar em 1980. Os mapas A e B foram adaptados de DGARL, MAI (1977) — *Administração Regional, parte III* e o mapa C foi adaptado de JORGE GASPARG (1979) — *Portugal em Mapas e em Números*. Lisboa. Livros Horizonte.

Neste contexto, resta apenas acrescentar que, embora partindo da abstracção estatística do chamado «cidadão médio», tais mapas serão aferidos, a nível pessoal, por diferentes situações sociais, económicas ou culturais, acabando por ajustar os seus contornos definitivos àquilo que, em termos geográficos, poderíamos talvez chamar o «imaginário espacial» de cada um de nós.

Utilizando como exemplo a viagem Lisboa-Porto, poderemos verificar, em termos gráficos, as possíveis diferenças dessa distância quilométrica consoante o nível social de cada um dos indivíduos (fig. 2).

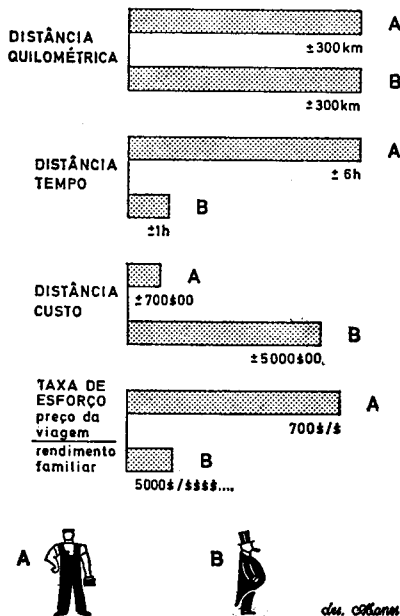


Fig. 2 — Diferentes distâncias Lisboa-Porto, para indivíduos com diferentes níveis de vida.

### A matéria da Geografia

Como facilmente poderá depreender-se, os poucos exemplos que aqui apresentámos pressupõem, como é lógico, a existência de «Geografias» com diferentes perspectivas.

Aceitando pacificamente um tal pressuposto, não nos parece ser menos pacífica, já agora, a conseqüente aceitação da inegável «utilidade prática» da «nova» perspectiva que sugerimos e que, inclusivamente, podemos assegurar, fez, por exemplo, com que uma cadeia de supermercados de Cincinnati, que tem uma população sensivelmente igual à de Lisboa, tivesse incluído nos seus quadros técnicos seis geógrafos

que, afinal, mais não fazem do que calcular a localização óptima dos seus inúmeros estabelecimentos.

Embora realçando as qualidades daquilo a que poderíamos chamar uma outra Geografia, resta-nos alertar, no entanto, e sobretudo quem frequenta e quem dirige os diferentes graus de ensino, que as teorias mais ou menos complicadas acerca da organização do espaço apenas terão sentido e utilidade quando previamente apoiadas no saber indispensável dos tais «mapas bem velhinhos». De facto, tal como julgamos ilógico começar por ensinar as diferentes estruturas agrárias do país a quem nunca saiu de Lisboa ou a quem, quando sai, nunca sai das auto-estradas, e, pelas mesmas razões, nos parece sem sentido começar por discutir a diferenciação social do espaço urbano com quem, possivelmente, nem sequer conhece ainda a existência de semáforos; pouca lógica reconhecemos também na frequente discussão de teorias ou modelos de interpretação espacial sem um mínimo de elementos concretos acerca de um espaço concreto. Assim, gostaríamos de chamar a atenção para a necessária complementaridade das diversas geografias ou «matérias» na solução de questões relacionadas com a maneira como se organiza o espaço onde vivemos. De resto, se, por um lado, podemos garantir que o mais eminente planeador recorre, concerteza, à velha cantilena de estações e apeadeiros quando se senta à sua mesa de trabalho para estudar ou projectar a eventual reestruturação de uma rede ferroviária, podemos garantir também, por outro lado, que, se um tal planeador se tivesse limitado à cantilena, muito mal andaria em seu ofício.

### *A moral da história que, afinal, é Geografia*

Admitindo que a Geografia constitui um código de leitura do espaço envolvente, não é difícil aceitar o processo de evolução a que tem estado sujeita ao longo dos anos. De facto, acompanhando, naturalmente, a constante evolução dos factores condicionantes da própria organização espacial, a Geografia terá de assumir, por força das circunstâncias, a necessária actualização em termos de capacidade interpretativa.

A manutenção intencional ou «rotineira» de uma certa perspectiva de análise, utilizando, «com proveito», um estereótipo de Geografia do passado a que a própria evolução do sistema capitalista foi retirando, progressivamente, a tradicional autoridade explicativa, só poderá porventura ter sentido:

a) Se ignorarmos que a velocidade a que actualmente se deslocam as ideias e as pessoas pode assumir, a nível planetário, os níveis de fluidez característicos de tais fenómenos de relação quando analisados à escala de uma pequena cidade de província;

b) Se esquecermos que uma tal «aceleração relacional» acelera inevitavelmente a natural agudização de conflitos resultante da tomada de consciência de um sem número de disparidades espaciais e sociais até então encobertas ou desconhecidas;

c) Se reduzirmos a meros inventários de existências ou carências situações decorrentes de complicados mecanismos económicos de complementaridade ou coexistência;

d) Se apostarmos na pretensa neutralidade do espaço procurando «resolver» desse modo situações de difícil compromisso, num contexto pretensamente descomprometido;

e) Se confundirmos autênticos conflitos de classe com desequilíbrios naturais de feição mais ou menos ecológica.

Como facilmente poderá verificar-se, a própria sucessão das diversas alíneas conduz à negação intrínseca de uma tal perspectiva, apontando, inclusive, no seu percurso, para uma lógica de análise bem diferente. Senão, vejamos:

— aumentando a velocidade das ideias e das pessoas, aumenta a consciência dos desequilíbrios e das injustiças;

— aumentando a consciência dos desequilíbrios, sobressai a importância da estrutura e diminui a importância do inventário de existências ou carências;

— sobressaindo a importância da estrutura, perde autoridade o argumento de que o espaço é neutro;

— aumentando a consciência da falsa neutralidade do espaço, diminui o peso da maioria dos argumentos ecológicos;

— reduzindo a Ecologia à sua verdadeira dimensão, os conflitos sociais ou de classe, como quiserem, assumem, naturalmente, a importância que lhes cabe.

Recordando uma velha frase de «O Leopardo», em que se dizia, mais ou menos, que «é preciso modificar alguma coisa para que tudo fique na mesma», deixamos à consideração do leitor aquilo que JEAN PIERRE GARNIER (1976) <sup>(1)</sup> considerava «a dupla ambição dos planificadores burgueses:

— Transformar a realidade espacial sem necessidade de transformar a realidade social e, antes pelo contrário, procurar os meios para não a transformar;

— Pretender transformar a realidade social através da transformação da realidade espacial».

CARLOS PATRÍCIO  
ISABEL MARGARIDA ANDRÉ

(1) «Planificación Urbana y Neocapitalismo», *Geocrítica*, n.º 6, p. 12.